



Organizador

Fred Busch

PSICANÁLISE

Caro candidato

Analistas do mundo todo propõem reflexões pessoais sobre a formação, o ensino e a profissão de psicanalista

Blucher

CARO CANDIDATO

Analistas do mundo todo propõem reflexões pessoais sobre a formação, o ensino e a profissão de psicanalista

Fred Busch

Tradução

Tania Mara Zalcberg

Título original: Dear Candidate: Analysts from around the World Offer Personal Reflections on Psychoanalytic Training, Education, and the Profession

Caro candidato: analistas do mundo todo propõem reflexões pessoais sobre a formação, o ensino e a profissão de psicanalista

© 2020 Routledge

© 2023 Editora Edgard Blücher Ltda.

Tradução autorizada da edição em inglês publicada por Routledge, membro do Taylor & Francis Group.

Publisher Edgard Blücher

Editores Eduardo Blücher e Jonatas Eliakim

Coordenação editorial Andressa Lira

Produção editorial Catarina Tolentino

Preparação de texto Bárbara Waida

Diagramação Roberta Pereira de Paula

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário
Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras,
julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora
Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Caro candidato : analistas do mundo todo
propõem reflexões pessoais sobre a formação, o
ensino e a profissão de psicanalista / organizado
por Fred Busch ; tradução de Tania Mara
Zalberg. – São Paulo : Blucher, 2023.
320 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-763-7

1. Psicanálise I. Busch, Fred II. Zalberg,
Tania Mara

23-1649

CDD 150.195

Índices para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

Introdução	11
1. Arthur Leonoff	15
2. Michael Diamond	23
3. Roosevelt Cassorla	31
4. Eric Marcus	37
5. Cláudio Laks Eizirik	45
6. Theodore Jacobs	51
7. Paola Marion	57
8. Otto F. Kernberg	65
9. Stefano Bolognini	69
10. Cordelia Schmidt-Hellerau	73

11. Abel Mario Fainstein	83
12. Jay Greenberg	89
13. Heribert Blass	95
14. Elias e Elizabeth da Rocha Barros	103
15. Daniel Jacobs	111
16. Eike Hinze	119
17. Alan Sugarman	125
18. Paola Golinelli	133
19. Allannah Furlong	139
20. Barbara Stimmel	145
21. Abbot Bronstein	153
22. Cecilio Paniagua	159
23. Ellen Sparer	167
24. Harriet Wolfe	173
25. Maj-Britt Winberg	181
26. Arlene Kramer Richardson	187
27. Gohar Homayounpour	191
28. Ines Bayona	197
29. Donald Moss	203

30. Virginia Ungar	209
31. Arnold Richards	215
32. Ellen Pinsky	219
33. H. Shmuel Erlich	225
34. Bent Rosenbaum	233
35. Fredric Perlman	239
36. Claudia Lucía Borensztein	247
37. Jane Kite	255
38. Gabriela Goldstein	263
39. Eva Schmid-Gloor	269
40. Adriana Prengler	275
41. Rachel Blass	283
42. Donald Campbell	289
P.S.	297
Referências	299
Colaboradores	303

1. Arthur Leonoff

Ottawa, Canadá

Caro candidato,

É uma honra compartilhar este momento de retrospecto da minha formação psicanalítica. Essa tarefa dá um empurrão valioso em direção ao *après coup*, reimaginando o passado ou ao menos como eu poderia vivenciar esse passado, na expectativa do que vem a seguir. Na verdade, sempre há um “a seguir”. Uso a palavra “imaginar” para destacar o *aspecto criativo e dinâmico do recordar*. O que recordo parece estar vivo no presente. Assim como a metáfora capta o conhecido para antecipar o desconhecido, o passado abre portas para o desafio atual.

De qualquer modo, minha recordação é o concentrado do que vivenciei durante meus anos de instituto, em comparação a algo empírico ou enciclopédico. Ao compartilhar isso com você, realizarei um “dever duplo”, comunicando algo do que no meu caso constituiu a formação psicanalítica e, em segundo lugar, o que isso significa para mim hoje em termos de identidade e até de ambição. Talvez possa ajudá-lo a imaginar sua própria carreira em desenvolvimento.

Por mais que em vários momentos eu tenha sentido necessidade de refletir sobre minha formação analítica, de revisitar seus valiosos ensinamentos, também precisei elaborar experiências de desilusão. Sempre há algo a lamentar, a perda da inocência, uma disfunção familiar que ameaça minar o que é mais precioso. Isso poderia descrever a formação psicanalítica, mas também retrata a vida tal como é vivida – o precioso e o profano menos em tensão combativa e mais como necessidade de elaborar um meio-termo inevitável.

Ingressei na formação psicanalítica aos 38 anos como psicólogo que tinha começado a ler Freud durante a faculdade, mas tinha encontrado aplicação real e excitante nas obras de inspiração analítica de David Rappaport e Roy Shafer sobre metapsicologia e testes projetivos. Em minha formação como psicólogo num hospital psiquiátrico, fiquei surpreso que as apresentações de casos clínicos eram adiadas se eu ainda não tivesse concluído a formulação dinâmica que a equipe clínica estava ansiosa para ouvir e da qual dependia. Compreender o paciente como pessoa jamais era garantido, conforme aprendi. Foi algo que aguçou meu apetite.

Para mim, nunca teria sido suficiente desfrutar simplesmente da busca intelectual da psicanálise. Precisaria ser algo que me tornasse melhor clínico, com escopo e experiência mais amplos. Por isso candidatei-me à formação para me tornar psicanalista.

Na época, e provavelmente até agora, não estava claro para mim qual seria o destino da minha identidade como psicólogo, mesmo que a profissão de psicólogo fosse a porta de entrada e a estrutura legal na qual eu poderia exercer a prática e ganhar a vida. No final, tem sido uma relação ambivalente, mais necessidade do que escolha. Se eu pudesse, teria desistido totalmente. A psicanálise tem sido meu *métier*, perspectiva e identidade de trabalho. Meus colegas e amigos incluem psicanalistas que conheci ao

redor do mundo todo. Quaisquer que tenham sido as brechas nesse alicerce, as decepções encontradas ao longo do caminho, foram amenizadas pelo carinho, pela consideração de colegas que povoam nossa profissão em qualquer parte do mundo onde trabalhem. Podem ser seu principal apoio quando soprarem os ventos da desilusão, como inevitavelmente acontecerá. *Olhe além do seu local.*

Assim, no meu caso, a psicanálise foi menos a identidade formada e mais o reencontro de algo que inerentemente já me definia. A formação foi apresentada pelo instituto no exato momento em que o imaginei por meio das minhas aspirações e autoexpressão pessoal. Nesse sentido, a psicanálise sempre serviu como objeto subjetivo que é tanto eu quanto não eu. É muito pessoal, o que a torna especial.

Se tornar-se analista é um processo transformador, como parece ser, tanto o instituto quanto o candidato devem fazer sua parte. Isso tem a ver com a ação centrípeta da formação analítica, que cria o fermento a partir do qual a identidade psicanalítica pode evoluir. Embora raramente discutida, a composição da classe é importante. Entrei para uma turma de dez. Meus colegas candidatos eram brilhantes, criativos e bem-sucedidos. Foi emocionante e dinâmico e, para mim pessoalmente, um alívio. O instituto mostrou-se justamente o terreno fértil que eu buscava.

Ao revisitar o currículo e os analistas que nos ensinaram, a reminiscência reforça o quanto a dedicação deles ao ensino da psicanálise ampliou suas contribuições muito reais. Vinham professores de perto e de longe para complementar a pesada carga do corpo docente local em meu pequeno instituto. Robert Langs e Peter Swales, o controverso estudioso de Freud, vieram de Nova York. Tivemos alunos de Kohut para nos ensinarem psicologia do *self*, um analista de crianças de formação britânica para um ano de observação de bebês e crianças pequenas, e um estudioso de

história da medicina para nos apresentar as origens vienenses e francesas que fizeram surgir a psicanálise. Em retrospecto, tudo isso era importante. Era a educação que eu sempre quis, e eu a prezava tanto quanto hoje. Era tanto fundamental como aspiracional, o que é muito abrangente.

A psicanálise entra pelos poros intelectuais e emocionais, onde se mistura com outras influências para criar um amálgama singular. Comecei minha análise pessoal quatro anos antes de entrar no instituto e continuei durante os quatro anos seguintes de formação. O que não foi solucionado na primeira análise foi sanado em um segundo tratamento de três anos. Se eu não tivesse feito o segundo tratamento, teria dificuldade de acreditar em análise. Eu precisava que funcionasse para mim onde era mais importante. Tenho a impressão de que as carreiras analíticas devem construir-se com base em uma análise pessoal sólida. Assim, deve ser boa, não apenas suficientemente boa. Muito depende simplesmente disso.

As desilusões têm sido mais difíceis de superar, mas há um benefício importante nesse trabalho. Faz parte da sabedoria. A inspiração por trás do instituto foi um chefe perturbador do departamento de psiquiatria da universidade, que, em sua liberalidade, importava talentos de todo o mundo analítico, apenas para se indispor rapidamente com eles em contendas hostis. Na melhor das hipóteses, o fato de esse analista ser o “pai” do instituto era problemático. Ele quase nada teve a ver diretamente com a minha formação, mas sua presença era desconcertante, uma fonte de cisão e rancor que por anos agitou-se sob a superfície e causou enorme impacto no instituto. Os analistas didatas que eram fundamentais para a implementação da formação precisavam manter certa paz com ele, o que inevitavelmente os colocava ao lado dele nos conflitos fragmentadores que minavam a coesão da pequena comunidade analítica.

Apesar da turbulência que envolveu nossa formação, havia uma bolha protetora permitindo que a classe aprendesse em conjunto de forma relativamente desimpedida. Houve até uma queixa formal à Associação Psicanalítica Internacional (IPA) que foi investigada e considerada sem valor. A verdade é que recebíamos um ensino psicanalítico excelente, por mais defeituosa que fosse a embalagem. Isso se devia à elevada qualidade do ensino, à gestão cuidadosa do Comitê de Formação e à qualidade dos candidatos.

A segunda fonte de desilusão, que poderá contradizer um pouco o que eu disse anteriormente, foi a revelação de que ninguém menos que o diretor do instituto vinha tendo relações sexuais com uma jovem desfavorecida que era sua paciente. Para os candidatos em análise pessoal com ele (eu não era um deles), isso deve ter sido desastroso. Ele supervisionou meu primeiro caso e, apesar de tudo, devo admitir que aprendi muito com ele. Também participou pessoalmente de todos os seminários, ao longo dos quatro anos, prática que nunca vi duplicada. Recordo que essa mácula desastrosa veio à tona após a conclusão dos seminários. Senti-me muito mal pela paciente e pela confusão e dor que ela deve ter vivenciado.

Seria melhor se eu pudesse dizer que toda a comunidade analítica local e o que restava do Comitê de Formação uniram-se em torno dos candidatos cercados. Infelizmente, não foi o que ocorreu. Houve apenas um silêncio ensurdecador e ocorreu um abafamento quase imediato. Isso incluiu a forclusão do nome dele e, até certo ponto, da sua existência. Ao refletir sobre esse manejo da situação, percebo que isso teve muito a ver com o desamparo e a interrupção da destrutividade desencadeada. Representou um profundo ataque à sua profissão; seu desejo de despedaçá-la e escapar de qualquer prisão em que se percebesse vivendo. Foi menos uma lição sobre a potencial destrutividade da sexualidade do que

sobre como a destrutividade pode usar a sexualidade para dar vazão à sua fúria niilista.

Esses ataques a pacientes e colegas, à Sociedade e ao instituto e, em última análise, à própria psicanálise são especialmente difíceis para os candidatos. A destrutividade ricocheteia nas fileiras e ameaça envenenar o poço em que os candidatos bebem avidamente. No entanto, e pode ser surpreendente, o que mais me atingiu foi a passividade do meu instituto. A mensagem inconfundível era que a análise pessoal é a ferramenta multifuncional para lidar com qualquer adversidade. Em outras palavras, converse a esse respeito com seu analista. Algo que perdeu totalmente o sentido. Era uma resposta defensiva e de autoproteção inadequada. No mínimo, contudo, impulsionou-me a ser mais ativista em minha vida e minha carreira. Embora os psicanalistas não sejam um cardume de peixes nadando em ritmo coletivo, nossa responsabilidade ética deve ir além do consultório. Acho que isso estimulou meu envolvimento amplo e significativo na IPA, a que sou imensamente grato.

Assim, esse acontecimento adverso não destruiu o “bom” nem me privou da oportunidade de ser analista. Há algo sobre o *élan vital* da psicanálise, o fervor intelectual e a aspiração clínica de ajudar as pessoas, que cria seu próprio impulso animador e voltado para o futuro. Não se tratava de curar pelo tempo, mas de investir em uma forma psicanalítica de trabalhar e pensar que preservasse e fomentasse mesmo em meio à desilusão. Isso só se aprofundou e ampliou com a experiência, o ensino e o estudo.

A psicanálise com certeza pode ser nostálgica, mas, se mergulha no passado, o faz com uma temporalidade que une passado, presente e futuro. Não posso dizer que o que esse mentor incorreto fez era impensável. Na verdade, era o oposto – muito pensável, o que o torna especialmente assustador. Essa história perseguiu a psicanálise desde o início, embora muitas vezes repudiada como

idiosincrasia perversa de algumas pessoas. Se esse incidente foi mais a expressão de um trauma coletivo, o pensável deslizando facilmente para o factível, então o risco à identidade é uma espécie de nostalgia defensiva, idealizando e lavando um passado que talvez nunca tenha existido. A psicanálise tem seus detratores externos, com certeza, mas seus verdadeiros inimigos vêm de dentro, dos seus próprios membros. Isso não era algo que eu estivesse preparado para saber na época, mas poderia ser resumido como: “a psicanálise jamais consegue escapar da condição humana, da qual só pode ser reflexo”.

Sou grato por ter tido um pai muito bom em minha vida. Éramos amigos íntimos até sua morte, quando eu tinha 60 anos e ele, 92. Se sou nostálgico é graças a esse homem e a essa experiência vivida na infância. Jamais seria Freud ou seu xará, o diretor de formação desviante. Além disso, o “bom” estava firmemente representado em meu ego de trabalho e aprendizado, e nem mesmo essa desilusão arrasadora destruiu a base que havia começado a se formar antes mesmo de eu entrar no instituto.

Além do mais, nunca terei espaço nem tempo em minha vida para abordar ou lamentar todas as desilusões acumuladas ao longo do caminho, incluindo todas as ocasiões em que não consegui viver de acordo com meus padrões e expectativas pessoais. Afinal, optei por adotar a psicanálise, com todas as suas fragilidades, como um empreendimento muito humano que faz muito mais bem do que mal ao mundo. Certamente é possível adentrar o trauma coletivo desorientador, que é profundo e intergeracional, mas existe também o sonho coletivo, algo extremamente vibrante e resiliente. A disposição para a destrutividade existe em todos os aspectos da vida humana. A psicanálise não é exceção.

Agora entendo melhor por que os analistas trabalham bem até e durante a velhice. Certamente, muitas vezes há uma questão

financeira, trabalhamos “por demanda”, limitados pelas horas do dia e pela energia, mas esse não é o principal motivo. Há o encanto de ser analista – a capacidade de ajudar profundamente as pessoas, de levá-las a mudanças mais profundas, de aprender o que antes era incognoscível, e enquanto isso refinando cada vez mais a capacidade analítica, que continua a crescer. É difícil para mim imaginar desistir enquanto houver pacientes dispostos e ansiosos para trabalhar comigo e lucrar com o que nós, enquanto grupo de clínicos comprometidos, temos a oferecer.

Lembro-me de estar em uma conferência quando era um jovem analista, a reunião anual da Sociedade Psicanalítica Canadense. O falecido dr. Henry Kravitz, analista didata sênior de Montreal e um de meus supervisores, discutia um caso. Ele pediu ao apresentador para fazer uma pausa após ouvir o início da apresentação, que ouvia pela primeira vez. O que se seguiu foi um surpreendente desenvolvimento da dinâmica, um eloquente retrato clínico oferecido como uma série de hipóteses. Quando o apresentador continuou, ficou claramente evidente para o público que o que o dr. Kravitz tinha previsto se confirmava totalmente no material clínico que se seguiu. Na época, pensei “Quero ser capaz de fazer isso um dia”.

2. Michael Diamond

Los Angeles, EUA

Caro candidato,

Quero compartilhar algumas reflexões que podem ajudá-lo a tirar o máximo proveito da sua formação psicanalítica. Recordações do meu tempo de candidato ao prosseguir de psicoterapeuta para psicanalista, bem como experiências sucessivas como analista, professor, supervisor, escritor e membro ativo de uma vibrante comunidade analítica, desempenham um papel importante para dar forma à minha contribuição para este livro único e muito necessário.

Agora que você se abriu para um modo de vida totalmente singular como psicanalista, é útil lembrar que ser analista não só exige trabalho duro e enorme responsabilidade, como também talvez encarne a mais pessoal das carreiras – a saber, um meio de vida que Freud considerava uma profissão “impossível”, pois aparentemente era marcada por “resultados insatisfatórios” (dados seus ideais irrealizáveis). Além disso, como candidato, as demandas temporais, financeiras e pessoais/familiares são amplas e, conseqüentemente, *paciência* – consigo próprio, com os pacientes e com o processo de aprendizagem analítica – é tudo! Espero

esclarecer que os desafios de ser candidato definirão o curso para uma jornada excepcionalmente rica e duradoura, embora muitas vezes cheia de tensão, que mudará a direção de sua vida, proporcionando enormes oportunidades de constante aprendizado e crescimento pessoal. Será possível surpreender-se ao descobrir, enquanto trafega no domínio da psique, que pode haver grandes mudanças nos tipos de relacionamento que você tem e, talvez, no tipo de pessoas com quem você escolhe passar seu tempo. Por muitas razões, então, o papel de sua psicanálise pessoal – além de leituras, trabalhos do curso e experiência clínica supervisionada – torna-se fundamental para navegar pelas trilhas à frente.

Como a condição de candidato em si dá ensejo a conflitos e regressões inesperados, a escolha do psicanalista para a análise pessoal torna-se vital. Portanto, é aconselhável fazer entrevistas com vários possíveis analistas antes de escolher alguém a quem seja possível possa confiar seus aspectos mais primitivos – alguém que, conforme a observação de um candidato, “pode suportar sua *loucura*”. Ainda assim, dadas as limitações inerentes das análises didáticas, você poderá até querer fazer uma segunda análise pós- formação (em geral com um analista não ligado ao seu instituto de formação).

O que se inicia ao se tornar candidato se desenvolverá como um projeto de carreira em que se espera que sua capacidade de trabalhar com material inconsciente e compreender a vida psíquica se amplie. No entanto, trata-se de algo que invariavelmente testará sua capacidade de tolerar incertezas, confusão, insegurança e sentimentos intensos, muitas vezes de maneiras que ocasionam enorme *vulnerabilidade*. Além disso, especialmente por meio de experiências úteis de supervisão e da sua análise pessoal, será necessário contar com sua capacidade de tolerar decepções, responsabilidades e administrar o investimento narcísico em seu trabalho, muitas vezes com grande *solidão* interna. Apesar da intimidade

no espaço analítico, estamos inexprimivelmente sozinhos nos aspectos mais profundos e importantes do nosso trabalho. Sua solidão como analista deve tornar-se a âncora em que você afinal pode encontrar seu caminho, muitas vezes em meio a condições turbulentas e desconhecidas que o fato de ser candidato pode ajudá-lo a aprender a aceitar e até mesmo tolerar com curiosidade.

Freud deixou muito claro (em seu *Esboço da psicanálise*, publicado postumamente em 1940) que o trabalho da sua vida na abordagem da “psique” havia sido dedicado a compreender da maneira mais completa possível o mundo da *alma* do homem. Ele estava convencido de que, apesar da linguagem da metapsicologia, deve-se pensar (e, eu acrescentaria, *relacionar-se com*) a alma para compreender seu sistema. Como muitas vezes é possível sentir-se dominado por termos e conceitos psicanalíticos complexos, bem como pela sobrecarga de experiências, é útil considerar que o trabalho clínico envolve fundamentalmente a *alma*, que, de acordo com o pensamento de Freud (que surge do ponto de vista de John Stuart Mill) implica “aquilo que *sente*”.

A partir desse nexos de trabalho analítico vivo experiencial com a alma, a psicanálise exige que se tente fazer contato com o que pode estar ocorrendo no mundo interno amplamente inconsciente do paciente para propiciar o que se reflete como “*experiência de ser compreendido*”. Algo que contrasta com *obter compreensão* por meio da atividade interpretativa do analista, inteligente, mas inerte, baseada em teoria, distante do envolvimento emocional significativo. Exige muito mais que simplesmente tentar fazer os pacientes se sentirem melhor ou livrá-los de sentimentos, sintomas ou partes indesejadas do eu. Em suma, não há como escapar da *natureza pessoal* do trabalho psicanalítico bem-sucedido que traz desenvolvimento psicológico por meio do contato emocional direto, criando um *novo modo de se relacionar* tanto com a nossa mente quanto com a de nosso paciente.

Como guia e investigador mais experiente e ousado da vida psíquica, a humanidade, a integridade, a compaixão e o compromisso corajoso do analista para compreender o funcionamento mental inconsciente trazem vida à psicanálise. À medida que encontre seu caminho como candidato, seu enfoque deve ser a imersão na *escuta* ao paciente, em vez de *buscar escutar* a confirmação de ideias teóricas ou apaziguar seu supervisor ou professor. Isso é mais fácil dito do que feito e é especialmente desafiador em virtude dos aspectos de avaliação referentes ao fato de ser candidato. Persistência e fé no desenvolvimento pessoal são necessárias, apesar de vivenciarmos momentos frequentes de “não saber”, de repetição sem fim, repetidas decepções, limitações perturbadoras e experiências intensas de contratransferência. *Vergonha* – tanto entre candidatos e até mesmo entre analistas mais experientes – ocorre com frequência ao expormos nosso trabalho e limitações a colegas e supervisores. No entanto, saiba que certo nível de coragem, resistência, disciplina e determinação persistente, bem como a consequente e merecida fé na psicanálise, ajudarão a manter um espaço de reflexão e abertura com a maioria dos pacientes (e com você).

Portanto, volto à ideia fundamental de desenvolver *paciência*, que é de vital importância para quem for jovem no ofício. Embora, como analistas, nosso ramo seja de palavras e linguagem, muitos eventos que ocorrem na complexa e estruturada intimidade do espaço psicanalítico são inicialmente inexprimíveis, ocorrendo em um território no qual nenhuma palavra jamais entrou. Como intérprete do inconsciente de outra pessoa, é necessário aprender a permitir que suas opiniões interpretativas (ou seja, hipóteses) amadureçam e se desenvolvam, o que, como aprendi, *não pode* ser pressionado nem apressado. Há uma espécie de procriação materna ou paterna muito semelhante a dar à luz; portanto, a *arte* do trabalho cotidiano de análise que ultrapassa a técnica se assemelha

à *gestação* que permite o amadurecimento e a geração de uma compreensão profunda.

Como psicanalista iniciante, a incumbência é criar o *espaço reflexivo interno* necessário que utiliza o que foi estimulado dentro de você para entender seus pacientes. Isso exige que se cultive abertura para a surpresa, bem como receptividade para a *não* compreensão. Se tudo correr bem, você terá apoio durante grande parte de sua formação para desenvolver e manter sua *curiosidade*, sua *capacidade de observação* (sem necessariamente entender) e sua *aceitação* da experiência humana. À medida que você aprende a acreditar com mais ceticismo e a duvidar com empatia, seu sucesso como candidato e futuro analista dependerá em parte de seu senso de contenção, seu equilíbrio narcísico e sua integridade.

O fato de estar conduzindo a análise de supervisão oficial enquanto ainda está em análise pessoal é um desafio. Fazer parte de uma “família” instituída com dinâmicas pessoais e de grupo extremamente carregadas libera transferências negativas e regressões potentes que exigem um tempo enorme de elaboração. Pode haver longos períodos de dúvida quanto ao valor da psicanálise (ou do analista didata), bem quando seus pacientes do caso de supervisão oficial questionam seu trabalho, geralmente muito antes de você adquirir a confiança duramente conquistada no processo analítico em si. Acreditar na psicanálise em meio a resistências sociais e pessoais pode exigir uma “fé cega” ao mesmo tempo que se tolera enorme tensão na solidão. Embora você possa até se sentir “diferente” de alguns dos entusiastas do seu grupo, é útil saber que a maioria dos analistas experientes resistiu a tensões semelhantes durante seu período de formação analítica.

Uma questão específica ao iniciar o trabalho analítico diz respeito ao papel desempenhado pelas inevitáveis *idealizações* e

identificações. É necessário internalizar ideais e aspirações analíticas para dar apoio ao trabalho clínico e reforçar as funções analíticas durante o processo de aprendizagem, o que implica se identificar com professores e analistas admirados. A formação envolve a exposição a conceitos e pensamento intelectual brilhantes, bem como a tendência a idealizar ideias e pensadores carismáticos da psicanálise. Na verdade, antes de atingirmos nossa visão singular do trabalho analítico por meio da experiência, precisamos confiar em figuras de autoridade enquanto nos identificamos com os ideais analíticos das teorias às quais estamos expostos e valorizamos. Nesse contexto, ambições intelectuais e aspirações clínicas muitas vezes produzem sentimentos de inadequação, bem como de competição e de inveja, especialmente em nosso próprio grupo e em relação a professores, supervisores e analistas didatas.

Dada a proliferação de sistemas teóricos e o desenvolvimento de ideias psicanalíticas em diferentes comunidades culturais, os candidatos são continuamente desafiados a questionar novas formas de pensar que competem para dar forma à teoria e à prática. Enquanto alguns candidatos tendem mais para a teoria, outros podem não ser e, no entanto, ser igualmente ou mais habilidosos na clínica (talvez com trabalho mais intuitivo). Se possível, tente não ser duro consigo mesmo quando confuso pela multiplicidade (de nomes) e pela complexidade (de casos e conceitos) à medida que você aprende a respeitar sua mentalidade própria e seu jeito de ser psicanalista. Acredito na utilidade de perceber que os conceitos e as teorias aprendidos ao longo da formação (e da vida após a formação), quando forem posteriormente integrados à sua técnica analítica, precisam apenas ser *mantidos de forma leve* (e não rígida) no contexto clínico, em que a vinculação de alma para alma é primordial. Conseguir sua visão singular do trabalho analítico requer tempo e experiência consideráveis para poder diferenciar-se suficientemente das figuras de autoridade e apaziguar o domínio

dos ideais internalizados a que no início era necessário agarrar-se para obter apoio.

Considero benéfico permanecer ciente da *tensão* inerente ao fato de ser psicanalista, que deve ser tolerada e administrada. Indiscutivelmente, cria-se uma tensão persistente, em especial para analistas iniciantes a respeito de seu trabalho ser ou não genuinamente “psicanalítico”. De fato, desde o início o debate permanente sobre o que é psicanálise está presente. É preciso aprender a aceitar a vivência da tensão necessária para tolerar o paradoxo e viver em uma transição entre realidade histórica e verdade psíquica. Leva bastante tempo, que testará sua capacidade de tolerar incerteza, ambiguidade e insegurança, para aprender a sustentar e utilizar essa tensão de forma criativa (e com humildade e liberdade psíquica suficientes).

Portanto, espero que você possa ser gentil consigo mesmo para nutrir firme paciência, resiliência e coragem persistente ao se defrontar com os limites de sua compreensão e perícia – talvez o que Samuel Beckett descreveu como capacidade de *falhar melhor*. Idealmente, tanto sua formação didática quanto sua análise pessoal aumentarão sua capacidade de reconhecer e se relacionar com o próprio narcisismo sem recorrer com excessiva facilidade a grandiosidade, retaliação, ação excessivamente zelosa e prematura e/ou retirada defensiva à inatividade. Adquirir uma relação mais saudável com seu narcisismo permanecerá crucial tanto para sua capacidade de analisar quanto para a de viver satisfatoriamente nas comunidades psicanalíticas mais amplas.

De fato, seus colegas de classe, de profissão e a comunidade psicanalítica mais ampla geralmente são vitais para o sucesso como analista. Desenvolver perícia exige em geral uma equipe de colegas – um grupo de irmãos e irmãs analíticos – para nos conter, apoiar e desafiar ao longo das pressões inevitáveis e dos benefícios

profundos e inúmeras vezes misteriosos do trabalho. Os analistas mais bem-sucedidos precisam trabalhar com colegas comprometidos com seus pontos de vista e psicodinâmicas singulares. Ainda assim, como Freud e Bion nos lembram, o coletivo analítico, especialmente na vida do instituto com seus sistemas regressivos, compõe-se de complicados processos e dinâmicas de grupo que em geral permanecem bastante inconscientes; assim, o apoio de colegas e mentores de confiança pode ser decisivo.

Finalmente, *não* é incomum, durante o período como candidato, vivenciar feridas dolorosas, narcísicas e decepções inquietantes – muitas vezes por meio de interações com professores, supervisores, colegas e, ocasionalmente, até com o analista pessoal. Colegas de confiança e mentores experientes, bem como amigos e parceiros tornam-se ainda mais importantes ao navegar na complexa dinâmica da trilha analítica. Permanecer curioso e ressoante em relação ao mundo ao redor, ao mesmo tempo que se abre para uma vida interior cada vez mais profunda, proporciona a oportunidade e o privilégio consumados de tornar-se mais receptivo ao sofrimento humano, e ao mesmo tempo mais aberto à ternura, tanto em nosso trabalho quanto na inefável preciosidade da vida em si.

Para encerrar, desejo com fervor que você tenha uma viagem pujante, bem como suficientemente benigna e duradoura!



Neste livro pioneiro, psicanalistas seniores do mundo todo propõem reflexões pessoais sobre sua formação, como foi tornar-se psicanalista e o que eles mais gostariam de transmitir ao candidato de hoje.

Esta coletânea, com 42 cartas pessoais aos candidatos, ajuda os analistas em formação e os recém-ingressados na profissão a refletirem sobre o que significa ser candidato a psicanalista e ingressar na profissão. As cartas abordam as ansiedades, as ambiguidades, as complicações e os prazeres enfrentados nessas tarefas. A partir dessas reflexões, o livro serve como guia para essa experiência extremamente pessoal, complexa e significativa, ajudando os leitores a considerar os inúmeros significados diferentes de ser candidato de um instituto de psicanálise.

Perfeito para candidatos e professores de psicanálise, este livro inspira analistas de todos os níveis a pensar mais uma vez a respeito dessa profissão impossível, mas fascinante, e a levar em consideração seu desenvolvimento psicanalítico pessoal.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-763-7



9 786555 067637



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Caro candidato

Analistas do mundo todo propõem reflexões pessoais sobre a formação, o ensino e a profissão de psicanalista

Fred Busch

ISBN: 9786555067637

Páginas: 320

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
